

ANAIS
FÓRVM DE
MUSEUS
UNIVERSITÁRIOS

**Patrimônio Museológico Universitário:
experiências e olhares diversos**

VOL.2

Ana Luisa de Mello Nascimento, Bruna Marina
Portela, Maria Josiane Vieira, Eliane Muratore (Orgs.)



Anais do VI Fórum de Museus Unuversitários
Patrimônio Museológico Brasileiro: Experiências e Olhares Diversos
Vol. 2

Curitiba, 18 a 22 de outubro de 2021.

Editora
UFPR

2022

Realização

Universidade Federal do Paraná | Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE-UFPR)
Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários

Apoio

Instituto Brasileiro de Museus
Comitê Brasileiro de Museus do Icom
Fundação Universidade Federal de Rondônia
Pontifícia Universitária Católica do Rio Grande do Sul
Universidade de Brasília
Universidade de São Paulo
Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal de Alagoas
Universidade Federal de Goiás
Universidade Federal de Pernambuco
Universidade Federal do Amazonas
Universidade Federal do Ceará
Universidade Federal do Pará
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Comissão Organizadora e Científica

Ana Luisa de Mello | UFPR
Coordenadora
Josiane Vieira | UFC
Vice Coordenadora
Ana Cláudia Araújo Santos | UFPE
Andrea Considera | UnB
Bruna Marina Portela | UFPR
Diego Teixeira Mendes | UFG
Eliane Muratore | UFRGS
Elane Gonçalves | UFBA
Lígia Ketzer Fagundes | UFRGS
Lucimery Ribeiro de Souza | UFAM
Maíra Santana Airoza | UFPA
Mauricio Candido da Silva | USP
Simone Flores Monteiro | PUCRS
Tatiana Almeida | UFAL

Comissão Geral

Ana Luisa de Mello | UFPR
Coordenadora
Josiane Vieira | UFC
Vice Coordenadora
Ana Cláudia Araújo Santos | UFPE
Andrea Considera | UnB
Bruna Marina Portela | UFPR
Claudia Carvalho | UFRJ
Diego Teixeira Mendes | UFG
Eliane Muratore e Lígia Ketzer Fagundes | UFRGS
Elane Gonçalves | UFBA
Lucimery Ribeiro de Souza | UFAM
Maíra Santana Airoza | UFPA
Marcelle Pereira | UNIR
Mauricio Candido da Silva | USP
Simone Flores Monteiro | PUCRS
Tatiana Almeida | UFAL
Tatyana Beltrão de Oliveira | UFG



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS
BIBLIOTECA CENTRAL – COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS

F745p Fórum de Museus Universitários (6. : 2021 : Curitiba, PR)
Patrimônio museológico brasileiro : experiências e
olhares diversos / [Ana Luisa de Mello Nascimento... [et al.],
orgs.] – Curitiba, PR : Ed. UFPR, 2022.
2 v. : il., color. ; 21 cm.

Vários autores.
Inclui referências.
ISBN 978-65-87448-64-0

1. Museus. II. Museologia. III. Museus - Administração
da coleção. I. Nascimento, Ana Luisa de Mello, 1982- . II.
Título.

Bibliotecário: Arthur Leitis Junior - CRB 9/1548

EXPERIÊNCIAS CURATORIAIS COMPARTILHADAS: AS EXPOSIÇÕES CURRICULARES DO CURSO DE MUSEOLOGIA NO MUSEU DA UFRGS

Vanessa Barrozo Teixeira Aquino¹
Elias Palminor Machado²

Resumo: O trabalho aborda duas experiências curatoriais no âmbito da formação em Museologia tendo o Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como laboratório especializado do Curso. As experiências aconteceram em duas disciplinas práticas da Graduação que são responsáveis pela concepção, pesquisa, planejamento e execução de uma exposição museológica realizada de forma compartilhada e colaborativa. O desenvolver deste processo curatorial tem como principais objetivos proporcionar aos estudantes espaços de trocas, reflexões e aprendizados sobre temáticas relevantes à sociedade, imersão na pesquisa sobre o tema e conceitos-chave, diálogos multidisciplinares com especialistas e com a equipe de profissionais do Museu da UFRGS, viabilizando experiências expográficas e educativas no âmbito da Museologia. Como exemplo desse exercício curatorial, destacamos as exposições AGÔ - Presença negra em Porto Alegre: uma trajetória de resistência (2015) e KUMIAI - Entrelaçamentos na Colônia Japonesa de Ivoti, RS (2016), com temáticas contemporâneas que versam sobre grupos sociais que carecem de visibilidade e de espaços representativos no campo dos museus. Ao identificarem determinadas lacunas nas narrativas expositivas locais e regionais, os discentes/curadores buscaram tensionar e estabelecer novos olhares e leituras acerca da cultura negra e da cultura japonesa por meio de uma exposição e de sua programação educativo-cultural.

Palavras-chave: Curadoria compartilhada; Exposições curriculares; Museologia.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda duas experiências curatoriais com exposições de caráter museológico desenvolvidas junto ao Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como exercício acadêmico obrigatório realizado pelos discentes ao final da graduação. O Curso de Museologia iniciou sua trajetória em 2008, tendo sido criado no contexto do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI.

As exposições curriculares integram o currículo dos Cursos de Museologia do Brasil como importantes exercícios reflexivos e experimentais no âmbito da comunicação museológica. Cabe destacar que o Curso de Museologia da UNIRIO, considerado o mais antigo

¹ UFRGS.

² UFRGS.

do país, implementa em seu currículo essa atividade acadêmica na década de 1970 criando, inclusive, o Laboratório de Desenvolvimento de Exposições (LADEX) (SIQUEIRA, 2009; DE UZEDA, 2020).

Na UFRGS, a exposição curricular é uma atividade obrigatória que está vinculada às disciplinas de Projeto de Curadoria Expográfica (BIB03215) e Prática de Exposições Museológicas (BIB03217), mas que reúne a diversidade de conhecimentos teórico-metodológicos abordados ao longo de todo o Curso e que culminam na realização de uma atividade de comunicação museológica que acontece em um dos espaços museais da Universidade. A oficialização da parceria com o Museu da UFRGS³ aconteceu em 2014 a partir da experiência com a exposição curricular “Alices: cenários de vida e arte”⁴ realizada no mezanino do Museu e que resultou na consolidação desse espaço expositivo como “laboratório especializado para a execução de atividades de caráter prático de retorno social” (PROJETO PEDAGÓGICO, 2019, p. 23). Cabe mencionar que o Curso de Museologia também possui outros laboratórios especializados que auxiliam a formação acadêmica dos discentes com curadoria de exposições, como o Laboratório de Criação Museográfica (CRIAMUS), o Laboratório de Cultura Material e Conservação (CMC) e o Laboratório de Pesquisa e Extensão Museológica (LAPEM)⁵.

É significativo ressaltar que, antes dessa importante parceria ser firmada, as exposições curriculares do Curso aconteciam em espaços culturais variados da cidade de Porto Alegre/RS, o que exigia dos discentes, docentes e técnicos uma série de negociações e dificuldades no que tange à concepção expográfica da exposição. Afinal, o espaço expositivo é um dos pontos principais para se pensar a narrativa e todos os outros elementos expográficos que integram a exposição (CURY, 2005; BLANCO, 2009).

³ O Museu da UFRGS foi criado em 1984 e tem como principais objetivos pesquisar, difundir e valorizar o patrimônio cultural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul por meio dos seus diferentes acervos, além de estabelecer parcerias com outras instituições culturais e científicas. Desde 2002, está localizado em prédio próprio no Campus Central da UFRGS na Av. Osvaldo Aranha, 277 - Porto Alegre/RS. Para saber mais acesse: <https://www.ufrgs.br/museu/>

⁴ Foi a quarta exposição curricular do Curso de Museologia/UFRGS realizada no segundo semestre de 2013 no mezanino do Museu da UFRGS.

⁵ Todos os laboratórios mencionados estão localizados no prédio Anexo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO/UFRGS) e são coordenados pelo Museólogo Elias Machado. Para mais informações acesse: <http://www.ufrgs.br/fabico/nucleos-e-laboratorios>

Com o acordo firmado entre o Curso e o Museu da Universidade, outras tratativas e negociações passaram a acontecer, principalmente voltadas aos diálogos com os setores e profissionais da instituição, às dinâmicas pedagógicas que envolvem esse exercício acadêmico e também aos desafios e potencialidades de se realizar uma exposição anual em um museu universitário com mais de 30 anos de trajetória.

Nessa perspectiva, nosso texto aborda os percursos formativos e experimentais da realização de duas exposições curriculares que acontecem em 2015 e 2016, as quais tinham como um dos seus objetivos refletir acerca da presença/ausência de determinados grupos sociais nas narrativas expositivas presentes nos museus locais e regionais, problematizando suas histórias e memórias, buscando romper alguns paradigmas ao tensionar e estabelecer outros olhares e leituras com a comunidade negra e com a comunidade japonesa por meio de uma exposição e de sua programação educativo-cultural.

2 AGÔ - PRESENÇA NEGRA EM PORTO ALEGRE: UMA TRAJETÓRIA DE RESISTÊNCIA

A quinta exposição curricular do Curso de Museologia da UFRGS intitulada “AGÔ - Presença negra em Porto Alegre: uma trajetória de resistência” foi concebida e planejada entre o segundo semestre de 2014 e o primeiro semestre de 2015. A mostra aconteceu no Mezanino do Museu da UFRGS, com abertura em 14 de maio de 2015 e encerramento no dia 19 de junho de 2015, integrando a programação do UFRGS Portas Abertas 2015⁶ e da 3ª Semana da África⁷, contando com 1098 assinaturas no seu livro de presença.

O processo de concepção e planejamento das exposições curriculares acontece de forma colaborativa e compartilhada durante a disciplina de Projeto de Curadoria Expográfica, bem como exige comprometimento e responsabilidade da turma com a pesquisa sobre o tema, que é escolhido de forma coletiva e democrática, sendo considerado um dos pontos mais delicados do processo (CURY, 2005). Segundo Angela Blanco (2009), o tema, além de ser o assunto central de que trata a exposição, é o conteúdo conceitual da exposição funcionando

⁶ UFRGS Portas Abertas é um evento anual no qual a universidade abre as suas portas para toda a comunidade externa, com o intuito de divulgar as suas diversas atividades e auxiliar o público em período escolar no momento de escolha de qual graduação cursar. Para mais informações acesse: <https://www.ufrgs.br/portasabertas/>.

⁷ A 3ª Semana da África na UFRGS aconteceu de 25 a 29 de maio de 2015, e contou com mesas de discussões e apresentações de trabalhos de pesquisa, realizados por professores e estudantes de graduação e pós-graduação africanos e brasileiros.

como macroconceito e fio condutor da narrativa. Desse modo, reforçamos a importância do papel da exposição como meio de comunicação (CURY, 2005; BLANCO, 2009) e como um dispositivo de mediação (DAVALLON, 2010) que se constitui como espaço de divulgação científica, lazer, socialização e aprendizado.

A escolha do tema surge a partir de uma problemática apresentada pela turma em 2014. Notou-se que a presença da cultura negra e/ou das histórias e memórias da comunidade negra nas narrativas expositivas dos museus da cidade de Porto Alegre era praticamente nula ou voltada aos elementos materiais que tratavam apenas da escravidão, percebendo lacunas significativas nos acervos museológicos da cidade. Logo, a exposição AGÔ buscou dar ênfase às contribuições da comunidade negra na história da cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, entre o final do século XIX e metade do século XX. Após um movimento intenso de pesquisa, aprofundamento teórico-metodológico e consultas com especialistas e membros da comunidade, a turma de estudantes/curadores elenca os conceitos-chave Sociabilidade, Resistência e Saberes e Fazeres, como fios condutores da narrativa expositiva.

Nesse percurso de diagnóstico e imersão na pesquisa, acervos institucionais e, sobretudo, acervos pessoais e familiares, a turma define o título da exposição começando pela palavra AGÔ, termo de origem lorubá que significa um pedido de licença (LODY, 2005) demonstrando todo respeito à comunidade e à temática tão específica e, ao mesmo tempo, tão ampla. Todos os elementos que compõem o logotipo da exposição, produzido por Carolina Thomassim e Camila Coronel, foram discutidos e analisados pela turma que fez uma seleção criteriosa dos símbolos (mão e sapato), bem como das cores e da tipografia (Figura 1).

Figura 1 - Logotipo da exposição AGÔ



Fonte: Extraído da página do Projeto de Memória do Curso de Museologia da UFRGS. Disponível em: <http://memoriamslufrgs.online/tainacan/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

Com o desafio de planejar e executar uma exposição com uma temática tão abrangente, foi fundamental a decisão da equipe curatorial de constituir um Comitê Científico Comunitário, que nos evidenciou as diversas contribuições dos africanos e afrodescendentes, como protagonistas na formação e constituição da cidade de Porto Alegre. A partir dos relatos, pesquisas e documentos compartilhados pelo Comitê foi possível ampliar os horizontes da narrativa, definir os conceitos-chave e os objetos- testemunho que viriam a integrar a exposição, extrapolando os registros tidos como oficiais sobre a história da cidade e os acervos presentes nas instituições museológicas.

Nesse sentido, a criação desse Comitê constituiu-se como uma oportunidade singular de trocas entre os estudantes e a comunidade, ouvindo e aprendendo com as histórias e memórias de diferentes personagens que fazem parte da trajetória da cidade. O processo imersivo envolvendo a comunidade foi fundamental para as decisões curatoriais da equipe, tornando essa experiência um momento único na trajetória dos futuros museólogos e museólogas, tanto pelo desafio de se planejar uma exposição museológica com vinte e um curadores quanto pela constante troca de informações com o Comitê, com o objetivo de “amarrar” todas essas histórias e pontos de vista em uma narrativa expográfica que fizesse sentido e que, principalmente, fosse digna da importância desses personagens na história da cidade de Porto Alegre.

A narrativa da exposição AGÔ foi organizada em 3 Núcleos, a saber: Núcleo 1 “Triunfo dos Akins”; Núcleo 2 “Cozinha e Bar” e Núcleo 3 “Contemporâneo”. O Núcleo 1 - tratava do conceito de Resistência e nele estavam contemplados a Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora⁸, criada em 1872, bem como pelo Grupo Palmares⁹, fundado cem anos após, em 1972. O módulo trazia informações sobre o Congresso de 1958¹⁰, além da literatura sobre

⁸ O “Floresta Aurora”, como é identificado pelos seus antigos frequentadores, teve como sua primeira finalidade a assistência funerária e a contribuição de seus sócios-fundadores, os negros alforriados, para alforriar outros negros ainda escravos. Por resistir ao tempo e cumprir com o seu papel social e cultural, figura como referencial, além de representar o Clube mais antigo em funcionamento no RS.

⁹ O grupo foi responsável pela proposição do dia 20 de novembro, como alternativa às comemorações do 13 de maio. Palmares também foi um dos precursores do chamado movimento negro moderno, que se caracterizou pela construção de uma nova identidade negra, referenciada em aspectos locais e globais.

¹⁰ Primeiro Congresso Nacional do negro realizado na cidade de Porto Alegre no ano de 1958. Por ocasião desse importante acontecimento, a capital gaúcha recebeu delegações dos estados do Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo, Distrito Federal e interior gaúcho, contando com a presença de estudiosos, pesquisadores, intelectuais brancos e negros e a comunidade. Durante o encontro, foram debatidos três temas centrais: primeiro, a necessidade de alfabetização frente à situação atual do Brasil; segundo, a situação do

as Guerras nos Palmares, Zumbi dos Palmares e Dandara sua esposa. Destacamos a produção de um grafite com a palavra “Resistência” em um painel com grandes dimensões, assim como 5 fotografias expostas em porta-retratos, nas cores vermelha, verde e amarela, ao lado de dois espelhos, instigando o público a refletir duplamente sobre suas origens e sobre a sua porção afro-brasileira (Figura 2).

Figura 2 - Fotografia do núcleo 1 da exposição AGÔ



Fonte: Extraído da página do Projeto de Memória do Curso de Museologia da UFRGS. Disponível em: <http://memoriamslufrgs.online/tainacan/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

Por meio das pesquisas de recepção realizadas com o público externo, a turma conseguiu identificar os elementos que mais agradaram aos visitantes, com destaque para: os cheiros das sete ervas (que receberam com AXÉ os visitantes e as espadas de São Jorge que emprestaram visual estético, agradável, vivo e também de proteção da AGÔ); o uso das cores que agradou ao público que é de religião de matriz africana pelos seus significados; e os espelhos que se mostraram muito estimulantes e desafiadores no processo de mediação, quando os visitantes eram convidados a se conectar com sua ancestralidade - a mãe África (BARTZ *et al.*, 2015).

O núcleo 2, chamado de “Cozinha e Bar”, tinha como conceito principal a sociabilidade. Nele, foram reproduzidos ambientes que representam este conceito como forma de resistência da comunidade negra - a cozinha (com móveis e utensílios que serviram de suporte para lembrar um espaço de aconchego familiar e de partilha) e o bar. Esses espaços de sociabilidade do âmbito privado e público traduzem os lugares de memória que

homem de cor na sociedade; e, em terceiro, o papel histórico do negro no Brasil e em outros países. Esses temas foram distribuídos em seis dias, do dia 14 de setembro ao dia 19 do respectivo mês.

serviram para a organização, criação e articulações de ideias que influenciaram suas conquistas políticas e culturais. Como elementos expográficos, organizamos um cenário representando uma cozinha contendo uma mesa com gaveta que, além de guardar especiarias como cravo e canela, contava com um caderno de receitas escritas à mão, fazendo um convite aos visitantes para que incluíssem outras receitas ou recordações desse espaço tão especial em nossas casas.

No cenário do Luanda Bar¹¹ (Figura 3), foi confeccionado um cardápio como um recurso para contar um pouco da história de um espaço que foi palco de algumas composições musicais do artista Lupicínio Rodrigues. Outro lugar de memória demonstrado no cardápio, é o Bar Naval¹², bar que ainda existe e resiste no Mercado Público de Porto Alegre, com as imagens internas do espaço.

Figura 3 - Fotografia do núcleo 2 da exposição AGÔ



Fonte: Extraído da página do Projeto de Memória do Curso de Museologia da UFRGS. Disponível em: <http://memoriamslufgrs.online/tainacan/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

Os dois ambientes conseguiram cumprir a sua função e foram os espaços onde o público se sentiu bastante acolhido, espaços de muita socialização e interação com os visitantes, principalmente com a inclusão de novas receitas e também fazendo cópias das receitas da Tia Lili, que se encontravam no Livro da Cozinha. Os cheiros das ervas como manjeriço, louro, alecrim, do cravo e da canela, e ainda do café sempre eram relatados pelos

¹¹ O Bar Luanda, como espaço de sociabilidade, foi criado pelo artista plástico e pai de santo Aristides da Silva, o Tide, e batizado de Luanda. Compunha-se de um cenário composto de máscaras e pinturas de guerreiros africanos que resistiram à passagem do tempo. Era considerado um reduto de boêmios e palco de acaloradas discussões do movimento negro em Porto Alegre.

¹² O Bar Naval, localizado no Mercado Público de Porto Alegre, é um importante marco, considerando que os negros perderam seus espaços no centro da cidade, mas se reorganizaram no território simbólico no mercado público. Este bar é ainda marcado pela particularidade de ser um local de encontro do movimento negro, como também pela participação política de seus frequentadores.

visitantes como algo simbólico e muito afetivo, o que demonstra a relevância de contemplar na expografia elementos multissensoriais garantindo outras formas de imersão do visitante (CURY, 2005; BLANCO, 2009).

O núcleo 3 da exposição AGÔ foi chamado de “Contemporâneo” e tinha como conceito central a Negritude¹³ e suas diversas definições, buscando trabalhar aspectos socioculturais contemporâneos, utilizando elementos expográficos interativos com o intuito de estimular o debate e a reflexão acerca de temas como o racismo, as mídias, questões de gênero, políticas públicas, religiosidade, movimentos sociais e culturais, para citar alguns.

Tratava-se do ambiente da exposição voltado para as ações educativo-culturais e, por isso, concentrava mais elementos interativos, como uma estante de livros para empréstimo e consulta local, além de jogos pedagógicos que eram utilizados na mediação e também em oficinas e rodas de conversa da programação cultural. Nesse espaço, o móvel idealizado e produzido pelos alunos curadores, intitulado “O que é ser negro?”, foi consolidado como um recurso expográfico singular e que se renovava todos os dias. Sua estrutura fixa continha um tecido com algodão cru no qual o público era convidado a responder a pergunta “O que é ser negro?” contemplando diferentes perspectivas e pontos de vista. Todos que desejassem poderiam participar registrando algum escrito, imagem e/ou símbolos que respondessem à pergunta. Cabe destacar que esse elemento expográfico teve ampla participação do público e, principalmente, das crianças. Foi preciso, inclusive, adquirir mais 10 metros (ficando no total 20 metros) de tecido ao longo da exposição, graças ao grande número de interações (Figura 4).

¹³ Termo utilizado pela primeira vez em 1939 na literatura, em um poema que dizia: “Minha negritude não é nem torre nem catedral / Ela mergulha na carne rubra do solo / Ela mergulha na ardente carne do céu / Ela rompe a prostração opaca de sua justa paciência – de Cahier d’un Retour au Pays Natal” (“Diário de um retorno ao país natal”), escrito por Aimé Césaire (1913-2008) e que teve sua primeira aparição na revista *Volontés*, n. 20, de agosto de 1939. Foi revisto, reescrito e aumentado ao longo de pelo menos 17 anos quando, por fim, foi publicado pela *Présence Africaine*, que o edita até hoje. Para mais informações consultar: <https://www.geledes.org.br/o-diario-de-um-retorno-ao-pais-natal-de-aime-cesaire-por-leo-goncalves/>.

Figura 4 - Fotografia do núcleo 3 da exposição AGÔ



Fonte: Extraído da página do Projeto de Memória do Curso de Museologia da UFRGS. Disponível em: <http://memoriamslufgrs.online/tainacan/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

A programação educativo-cultural da AGÔ contemplou 11 atividades que aconteceram na própria exposição, na sala multimeios do Museu da UFRGS ou em outros espaços, como a Faculdade de Educação (FACED/UFRGS). Destacamos a realização de diversas rodas de conversa e atividades pedagógicas que aconteceram no próprio espaço expositivo, movimentando a narrativa e aprimorando a mediação que era realizada pelos alunos curadores. O Museu e sua equipe contribuíram significativamente com a realização da exposição, auxiliando nas questões educativas e de divulgação, destacando o espaço físico que garante fácil acesso e segurança para os públicos. Esse processo intenso de curadoria compartilhada e colaborativa possibilitou a todos e todas a ampliação de diálogos com a comunidade negra de Porto Alegre no âmbito dos museus e da Museologia, proporcionando um olhar contemporâneo para os acervos pessoais e familiares vislumbrando a musealização de determinados objetos que não faziam parte do cenário museológico da cidade. Nessa perspectiva, que podemos denominar como decolonial (BALLESTRIN, 2013), surge a exposição KUMIAI em um processo de construção curatorial coletiva com suas especificidades e potencialidades.

3 KUMIAI - Entrelaçamentos na Colônia Japonesa de Ivoti, RS

A exposição curricular KUMIAI¹⁴: Entrelaçamentos na Colônia Japonesa de Ivoti, RS, foi a quinta exposição executada pelo curso de Museologia da UFRGS, teve sua concepção iniciada no segundo semestre de 2015, sendo inaugurada em 28 de abril de 2016 no mezanino do Museu da UFRGS. A escolha do tema surge a partir de reflexões da turma acerca do conceito de imigração, muito instigados a pensar sobre outras etnias que fazem parte da formação do Rio Grande do Sul, deparam-se com a existência de uma grande comunidade japonesa no interior do Estado, e que está concentrada na Colônia Japonesa de Ivoti.

Após a escolha da temática, a turma selecionou como um dos conceitos-chave da exposição - o entrelaçamento cultural (VARINE, 2012), com o enfoque nas trocas entre a cultura japonesa e a gaúcha, conceito que foi identificado nas primeiras imersões de pesquisa sobre a história da imigração japonesa no RS e, principalmente, com a pesquisa *in loco* realizada na Colônia Japonesa de Ivoti. Para tal imersão, foram feitas visitas à colônia para que pudéssemos conhecer a cultura local, questões enfatizadas por Hugues de Varine (2012) no âmbito da Museologia Social. Tal como na exposição AGÔ, a parceria estabelecida com a comunidade japonesa por meio do Memorial da Imigração e Cultura Japonesa da UFRGS e do Memorial da Colônia Japonesa de Ivoti, dos moradores da Colônia Japonesa de Ivoti, do Escritório do Consular do Japão em Porto Alegre foi fundamental para a construção desta exposição, principalmente com a Colônia de Ivoti, onde foram realizadas diversas visitas com a realização de entrevistas baseadas na metodologia da história oral, registros fotográficos e audiovisuais. Os materiais produzidos com a comunidade foram essenciais para a construção da narrativa expográfica, criando um ambiente acolhedor e repleto de elementos da cultura material e imaterial que contam as histórias e memórias dessa comunidade.

A cada nova exposição curricular, o mezanino do Museu da UFRGS adquire novos contornos e muda completamente. A exposição KUMIAI foi organizada em sete núcleos, sendo que o Núcleo 1, voltado para acolher o visitante, foi pensado em dois momentos, na escada que leva ao mezanino e também para quem chega do elevador - onde ficava o Núcleo

¹⁴ A expressão KUMIAI é formada por dois ideogramas na escrita Kaji - 組合 e KUMI, 組5, significa grupo de pessoas, famílias. Na língua japonesa, a expressão significa unificação, cooperativa; ligações com grupos com interesses em comum. Nome escolhido por representar a união entre as pessoas desta colônia na preservação dos seus costumes ancestrais associando ao ambiente cultural e natural em que habitam no Rio Grande do Sul.

4 -, uma proposta inovadora da turma e que foi muito bem recebida pelos públicos. A cultura japonesa é cercada de simbolismos, rituais e objetos que representam a reflexão, a meditação (paz de espírito e tranquilidade) e a proteção. Logo, como elemento de destaque no primeiro núcleo está um *Torii* (Figura 5), ou portal, que representa uma separação do mundo físico do espiritual, sendo formado por duas colunas que sustentam o céu e por vigas transversais que representam a terra. Próximo a ele foi organizado um pequeno jardim, que representa a proteção existente em nosso espaço expositivo, já que, para os nipônicos, o verde representa proteção e afasta os espíritos ruins das residências.

Figura 5 - Fotografia do núcleo 1 da exposição KUMIAI



Fonte: Extraído da página do Projeto de Memória do Curso de Museologia da UFRGS. Disponível em: <http://memoriamslufrgs.online/tainacan/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

O Núcleo 2 era um espaço de contextualização histórica e abordava a chegada dos imigrantes japoneses no Brasil, cujo objetivo era apresentar como eram feitas as viagens na época e como foi o início da jornada das primeiras gerações de imigrantes até o país, incluindo também as primeiras moradias feitas no município de Ivoti. Esse espaço contava com um grande painel com os sobrenomes das primeiras famílias que se estabeleceram na cidade e era um ambiente que gerava diversos questionamentos do público acerca dos motivos que levaram os japoneses a se estabelecer em Ivoti, questões que eram debatidas durante as mediações (BARBOSA *et al.*, 2016).

O Núcleo 3 tratava da agricultura familiar como algo que ainda é muito presente na comunidade japonesa de Ivoti e que faz parte das histórias e memórias dos primeiros imigrantes que ocuparam a zona rural do município. Houve adaptação das formas e técnicas de cultivo e plantio, bem como o uso de ferramentas trazidas do Japão, que estavam expostas e em destaque no Núcleo como registros materiais da história da comunidade. A questão da chegada ao Brasil foi novamente abordada no Núcleo 4, pois este foi elaborado como um

segundo espaço de acolhida para chegava pelo elevador do Museu, replicando alguns elementos como o jardim e as lanternas, e incluindo novos elementos como documentos de chegada dos visitantes ao RS, o visto e o passaporte em grandes dimensões.

Uma questão-chave nos entrelaçamentos da cultura japonesa com a brasileira é a gastronômica. Assim, o Núcleo 5 enfatizou os saberes e os sabores da colônia de Ivoti, organizando objetos específicos da culinária japonesa que seguem presentes nas rotinas familiares, assim como as transformações que acontecem a cada geração como, por exemplo, as fotografias de acervos familiares que apresentam um almoço dos moradores da colônia, com o sushi e o churrasco na mesma mesa (Figura 6), provocando o público a refletir acerca dos entrelaçamentos culturais.

Figura 6 - Painel do núcleo 5 da exposição KUMIAI



Fonte: Extraído da página do Projeto de Memória do Curso de Museologia da UFRGS. Disponível em: <http://memoriamsufrgs.online/tainacan/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

A questão das novas famílias que surgiram na colônia de Ivoti foi tratada no núcleo 6. Os recursos expográficos foram pensados para remeter a uma sala de estar de uma casa de imigrantes japoneses, com muitas fotos das primeiras famílias, lembranças das primeiras gerações e uma mesa de centro com um conjunto de chá (acervo do Memorial da Colônia Japonesa de Ivoti), para destacar o ritual que ainda é muito presente no Japão e nas comunidades japonesas espalhadas pelo mundo. A questão do entrelaçamento segue marcante, já que o ritual original do chá possui regras sendo apreciado em horários e ocasiões específicas. No momento, algumas famílias misturam o chá com o hábito de tomar chimarrão, ressignificando essa prática milenar.

Figura 7 - Fotografia do núcleo 6 da exposição KUMIAI



Fonte: Extraído da página do Projeto de Memória do Curso de Museologia da UFRGS. Disponível em: <http://memoriamslufrgs.online/tainacan/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

Por fim, destacamos o Núcleo 7 voltado às práticas de esporte e lazer da comunidade japonesa de Ivoti, com destaque para uma vitrine que continha objetos que representavam essas diferentes vivências praticadas pelas várias gerações de imigrantes japoneses que residem em Ivoti, como o *Softbol* e *Gateball*¹⁵. Foi também o espaço dedicado às práticas educativas da exposição, onde aconteceram as oficinas de *Origami*, *Shodô* e *Mangá* que integraram a programação educativo-cultural da exposição. Além das Oficinas, a turma também produziu um material educativo impresso com caça-palavras, técnicas de *Mangá* e informações complementares sobre questões abordadas na exposição, outro diferencial que possibilitou que o público levasse esse material como recordação da visita, instigando-o a retornar. O público da cidade de Porto Alegre relatou surpresa ao visitar a exposição e conhecer mais sobre a imigração japonesa no RS e, sobretudo, acerca da existência de uma comunidade japonesa tão expressiva em nosso Estado, questões que evidenciam a necessidade de movimentos curatoriais como o mencionado, que buscam romper com

¹⁵ Uma variação do beisebol, mas um pouco mais leve, em razão da bola ser menos dura e maior. O arremessador atira a bola “por baixo”, descrevendo uma curva, ao receptor. Ele não pode atirar com a força dos ombros como no beisebol. Fora isso, o softbol segue basicamente as mesmas regras do beisebol. O campo tem uma dimensão reduzida, pois a bola não vai tão longe. O gateball é um esporte simples, que utiliza o taco e a bola e é praticado tanto em quadras de terra batida quanto no gramado. Criado por um padeiro na província japonesa de Hokkaido, a região mais fria do país, atualmente 20 milhões de pessoas praticam gateball no mundo, sendo que a metade está na China, seguida pelo Japão, com 5 milhões e Taiwan com 1,8 milhão. No Brasil, estima-se que existam 10 mil praticantes. Vários campeonatos são realizados todos os finais de semana, movimentando um grande número de atletas. Para mais informações acesse: <https://www.culturajaponesa.com.br/index.php/esportes/softbol/>.

determinados paradigmas e estabelecer diálogos com diferentes grupos sociais que ainda carecem de espaços representativos na sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após apresentar duas exposições curriculares que fazem parte da história do Curso de Museologia/UFRGS, é significativo pontuar que sua realização em um espaço museal consolidado como o Museu da UFRGS trouxe importantes contribuições tanto do ponto de vista do espaço expositivo e de toda estrutura que um museu universitário oferece quanto no âmbito das relações formativas, pedagógicas e experimentais de planejamento e execução de uma exposição. Foram meses de muitas reuniões com os setores e profissionais do Museu e representantes da turma, principalmente dos Grupos de Trabalho Educativo e Comunicação, que seguiam as orientações pré-estabelecidas pelo Museu, a fim de evitar “ruídos” na divulgação e no agendamento das visitas. Mesmo com todos os combinados, por vezes, algumas questões precisavam ser revistas com a turma e com o próprio museu, a fim de ajustar algumas demandas, modificar estratégias e acalmar os ânimos, desafios presentes em todo trabalho coletivo e que proporcionam um exercício interessante de gestão que permeia a formação dos futuros profissionais. Parceria e diálogo que estão repletos de expectativas de ambos os lados e que precisam ser constantemente revistos, negociado uma perspectiva de gestão fundamental para todo profissional que atua com curadoria de exposições.

Conceber, pesquisar, planejar, dialogar, montar, mediar, desmontar e avaliar são ações que integram o cotidiano das exposições curriculares e sabemos que contar com um espaço expositivo capacitado para receber nossos projetos curatoriais é um diferencial na formação dos futuros Museólogos. Conhecer e compreender os desafios e os bastidores de um museu universitário, como os setores estão estruturados e as dinâmicas profissionais também fazem parte da realidade e devem ser reconhecidos como importantes momentos de aprendizado ao longo do processo. As escolhas curatoriais das exposições AGÔ e KUMIAI também demonstram o amadurecimento dos estudantes no âmbito das reflexões teórico-metodológicas da Museologia que, além das questões técnicas, busca proporcionar uma formação cidadã atenta aos problemas sociais e políticos, sendo capaz de identificar e lançar olhares acerca de questões que não estão contempladas no cenário museológico da cidade.

Nessa perspectiva, as exposições curriculares também possibilitam que o próprio Museu da UFRGS repense suas práticas e narrativas, experimente outros rumos, constituindo-se como um espaço laboratorial para o Curso de Museologia e como lugar de muitas trocas e aprendizados para todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, P. G. M. *et al.* **RELATÓRIO DA EXPOSIÇÃO CURRICULAR KUMIAI Entrelaçamento na Colônia Japonesa de Ivoti, RS.** UFRGS: Porto Alegre, 2016.
- BARTZ, G. P. *et al.* **RELATÓRIO DA EXPOSIÇÃO CURRICULAR AGÔ PRESENÇA NEGRA EM PORTO ALEGRE: uma trajetória de resistência.** UFRGS: Porto Alegre, 2015.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. In: **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, p. 89-117. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/abstract/?lang=pt> Acesso em: 7 set. 2021.
- BLANCO, Angela G. **La exposición, un medio de comunicación.** Madrid: Ediciones Akal, 2009.
- CURY, Marília X. **Exposição: concepção, montagem e avaliação.** São Paulo: Annablume, 2005.
- DAVALLON, Jean. Comunicação e Sociedade: pensar a concepção da exposição. In: **Museus e comunicação: exposições como objeto de estudo.** Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010, p. 17-34.
- LODY, Raul. **O negro no museu brasileiro: construindo identidades.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- PROJETO PEDAGÓGICO** do Curso de Museologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/fabico/graduacao/museologia/PROJETOPEDAGGICOMUSEOLOGIAUFRGSVersoFinal.pdf>
- SIQUEIRA, G. K. Curso de Museus - MHN, 1932-1978. O perfil Acadêmico-profissional, 2009. 178p. **Dissertação** (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO e do Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: http://www.unirio.br/ppg-pmus/graciele_karine_siqueira.pdf. Acesso em: 7 set. 2021.
- DE UZEDA, H. C. As exposições curriculares como prática acadêmica na escola de museologia da UNIRIO: autonomia e experimentações comunicacionais. In: **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 9, n. Especial, p. 161–179, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/32702>. Acesso em: 7 set. 2021.
- VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local.** Porto Alegre: Medianiz, 2012.